O último robô do mundo

#

# Capítulo 1

— Ei, aberração! — os garotos gritavam para o vulto que corria na frente deles. O capuz da capa negra, que esvoaçava mais forte conforme os passos ficavam mais velozes, caiu para trás, revelando um cabelo raspado. — A gente não quer te machucar.

Queriam sim. O vulto sabia. Por isso correu mais rápido, apertando na mão o cilindro frio que carregava.

— Ela tá indo pro galpão! — Um deles, o mais baixo, que estava à frente na perseguição, parou e apontou para o prédio antigo e abandonado, como tudo naquela região. Como tudo no mundo inteiro.

— Que burra! — O outro, mais alto, parou, colocando as mãos nos joelhos, cansado. Depois se ergueu e deu um tapa no pescoço do colega. — Vai lá atrás dela!

— Vai você!

— Ah, nem. — Soltou o ar, a respiração ainda estava difícil, e voltou a colocar as mãos nos joelhos. — Deixa ela. Se sair de lá inteira, a gente pega de volta o que ela roubou.

— E se ela não voltar? — O primeiro suspirou, tentando se recompor.

— A gente acha outro jeito de pegar o que é nosso.

Sombra nem lembrava mais o nome que sua mãe havia lhe dado. Poucas crianças se lembravam. Conforme cresciam num mundo quase sem adultos, elas se criavam praticamente sozinhas, se esqueciam do passado e tinham medo do futuro.

Quando seguiu na direção do galpão abandonado da quinta rua, ela não era mais uma criança, mas ainda se sentia perdida como no dia em que sua mãe foi embora para sempre. Ainda tinha esperanças de ser resgatada por uma das grandes aeronaves com as quais fantasiava, aquelas que sua mãe prometera que viriam. Objetos enormes e escuros no céu, pairando lentos e silenciosos sobre a cidade em ruínas. Ela nunca conseguia imaginar um som para eles, eram como uma sombra.

Olhou rápido para o alto, pensando: *quem sabe hoje não seja o dia do resgate?* Mas não era. Na mistura entre o azul e o avermelhado do pôr-do-sol, nada além do fim do dia.

Sombra desceu o olhar para a rua atrás de si. Os dois garotos tinham parado no caminho e agora a encaravam. Ela sabia que eles não desistiriam fácil, mas que tinham medo demais daquele prédio. Não ousariam segui-la até ali. O objeto que segurava firme nas mãos não valia aquele risco. Entrar no galpão assombrado pelos fantasmas do Mundo Anterior estava fora de cogitação para eles.

Mas só para eles.

Sombra não tinha nada a perder, além de si mesma. Então foi. O primeiro assobio que ouviu arrepiou sua pele, mas isso não a deteve. O segundo veio acompanhado de uma brisa gelada e vultos esverdeados. Pensando em recuar, seguiu por mais alguns passos.

Os vultos agora a cercavam, sussurravam em seus ouvidos. Ela fechou os olhos e correu, ainda em frente.

Os fantasmas diziam coisas que Sombra não conseguia entender. E lhe causavam um medo tão profundo, como mergulhar de cabeça do alto de um prédio e nunca chegar ao chão. Ao passar por eles, ela se sentia vagar também, como se estivesse em outro lugar, em outro tempo. O peito afundava, era a mesma sensação de caminhar por cima dos montes onde enterravam seus mortos.

Alcançou a porta, ofegante. O ar agora estava mais pesado, mais quente. Só que ali, com as mãos na maçaneta enferrujada, não havia mais vozes ou vultos. Ela olhou para trás. Não tinha nada. Só os garotos que a seguiram ao longe, dois pontinhos tão pequenos que, por um momento, pareceu bobagem correr deles.

Mas não era bobagem.

Sombra apertou o objeto que trazia nas mãos com força contra o peito e abriu a porta.

#

# Capítulo 2

Vagarosamente, ele aplicava o óleo nas juntas do antebraço. O ranger do outro braço, já bastante danificado, causava agonia. Mas o que mais lhe incomodava eram os encaixes em suas costas, onde não conseguia mais alcançar. O chiado agudo denunciava o fim iminente de sua capacidade de se movimentar.

Ainda assim, seguiu com a rotina e verificou sua própria energia. Estava mal, mas o corpo pararia de funcionar antes. Depois, foi até as células da energia externa, que alimentavam o alarme (que ele havia desligado anos atrás, porque ninguém mais invadia seu galpão), os hologramas e o equipamento de som. No passado, aterrorizar crianças enxeridas até havia lhe trazido certo grau de diversão, mas agora todo aquele aparato só cumpria a função primordial de mantê-las afastadas.

O robô não conseguia entender como aquelas crianças se assustavam tanto com vozes e vultos colhidos de uma época tão distante do passado.

T430 ainda se lembrava de como eram as ruas apinhadas de gente, barulhos, buzinas, conversas, músicas, motores e os Mecânicos com seus passos duros e ritmados.

Naqueles momentos do dia, entre cumprir suas funções e contemplar as memórias que guardava em si, T430 se lamentava por ter aceitado aquela missão. Desejava ter sido eliminado como todos os outros, quando o mundo ficou pequeno demais para o ego dos humanos.

Agora o mundo era grande demais para o vazio que os humanos deixaram.

Sombra pôde ver o robô colocar óleo nas juntas dos braços, joelhos, dedos e tentar alcançar a lombar. De onde estava, do alto de uma escada de metal, ela o observou desistir da atividade e ir até a parede mais próxima, onde havia um painel cheio de pequenas luzes brilhantes.

O robô mexeu em algo antes de se dirigir até um container vermelho, que ficava quase que no centro do galpão, e verificar se as portas estavam trancadas. Sombra quis saber o que estava guardado ali dentro, mas não queria mover um músculo sequer para ver além do que conseguia. Ainda assim, mexeu um pouco o pescoço. Mas as grades que a escondiam também a atrapalhavam.

Quando entrou ali, não precisou andar muito para encontrar a escada e ver que o galpão era maior do que havia pensado ao ver o prédio por fora. Era, na verdade, um espaço alto, com boa parte sob o nível da rua. Tinha uma altura equivalente a cerca de quatro andares, mas em uma área totalmente aberta. Na parte superior, grandes janelas quebradas mostravam o céu do fim do crepúsculo, de onde vinha a luz fraca que entrava no galpão. O teto alto era sustentado por vigas treliçadas, e as vigas por dois longos e grossos pilares de ferro, bem no centro da construção. E, entre eles, um pouco desalinhado, vinha o container.

O chão lá embaixo parecia ser feito de blocos de cimento, mas já estava tão quebrado e sujo que Sombra jamais seria capaz de afirmar com certeza, olhando de onde estava.

Após fechar o container, o robô se sentou de volta no banquinho onde estava antes e soltou um som alto e agudo, que mais parecia um apito. Às vezes, ele falava algumas palavras em um idioma estranho, que Sombra não conseguia desvendar. A voz, embora obviamente eletrônica, tinha um ritmo humano, alternando os tons conforme ele falava. Mas, na maior parte do tempo, o robô era silencioso como o ar.

Depois de muitas horas naquele absoluto nada, Sombra sentia as costas pesadas, como se algo estivesse agarrado em suas costelas. Precisava descansar. Só não podia. Então, bravamente, manteve os olhos abertos até o robô voltar a colocar óleo nas próprias juntas, checar os painéis e se sentar no banquinho, para falar sozinho como havia feito antes.

# Capítulo 3

Quando abriu os olhos, Sombra viu primeiro os dois vidros amarelados, atentos nela, curiosos. Assustada, tentou se afastar, mas havia dormido com as costas na grade. Não tinha como correr. Tateou a sua volta, em busca do objeto que trazia consigo. O motivo de sua fuga. Quando seus dedos o encontraram, ela o trouxe para junto do corpo.

— Hum. — O robô soltou, com certo desdém. — Um humano.

— Humana — corrigiu, como fazia com frequência.

O robô apenas a ignorou e se afastou. Suas juntas fizeram um barulho agudo quando ele se aprumou. Sombra sentiu um nervoso na gengiva, então, esfregou a mão pelo rosto e pelo cabelo raspado, com o intuito de acordar direito.

— Você passou pelos hologramas. — Ele continuava com o mesmo tom de indiferença, mas Sombra notou que havia algo escondido ali. Um desafio, talvez.

— Hologramas? — A boca estava seca e a voz saiu rouca e com dificuldade.

— Sim, as imagens que cercam o prédio. — O robô fez um círculo no ar com o indicador. A outra mão estava apoiada no corrimão.

— Ah, não são fantasmas? — Sombra agarrou o objeto com uma mão, colocou a outra no chão e se impulsionou para cima.

— Humanos se impressionam com qualquer coisa. — Virou as costas e começou a descer a escada.

— Então eles não são reais? — Sua voz estava mais fina que o normal. Odiou aquilo. E, depois que as palavras saíram, se sentiu boba.

O robô parou.

— Depende do que você considera como real. — Virou-se apenas o suficiente para olhá-la de relance, depois voltou a se afastar lentamente, em um movimento chiado e incômodo.

Sombra esperava que o robô a expulsasse dali, que elevasse a voz ou ligasse algum tipo de aviso sonoro. Que a agredisse, como os meninos costumavam tentar fazer. Mas ela certamente era mais rápida que aquele robô velho, poderia correr. Só não tinha para onde ir.

Sem saber o que fazer, Sombra colocou o cilindro no bolso e o seguiu. Desceu atrás dele pelas escadas metálicas que levavam ao piso inferior. Quando seu sapato surrado tocou o chão, ela pôde checar que, de fato, era concreto já praticamente transformado em poeira cinza.

— Por que você tem hologramas e não tem um alarme? — perguntou, tentando soar natural.

Ela poderia ter ficado ali, quieta. O robô não parecia se importar tanto assim com sua presença. Mas era curiosa. Nunca tinha visto uma criatura como aquela. O máximo que havia chegado disso era a pilha de carcaças enferrujadas e abandonadas que viu em um galpão bem maior do que o lugar onde estava agora.

A barriga roncou alto.

— Eu tenho um alarme — respondeu no momento em que apertava um dos botões do painel acoplado na parede. — Mas ele estava desligado. — Puxou uma chave para cima. — Pronto.

O robô se virou para Sombra em um movimento meio duro. Mesmo de onde ela estava, podia ouvir as juntas dele fazendo barulho ao se mover, sempre agudo e desconfortável.

— Dói? — Se sentiu burra assim que a pergunta saiu. Era comum que se sentisse assim.

— O quê?

Sombra apontou para os braços do robô.

— Faz um barulho estranho.

— Ah… — Ele olhou para o próprio corpo, rangendo até naquele movimento simples. — Estou enferrujado.

— Hm. — Sombra ficou com vergonha de continuar sendo invasiva, então calou a boca.

Ele era tão diferente, com seus longos braços de um material claro, quase branco, em vez da pele marrom que cobria o corpo de Sombra. Mas o robô tinha dedos nas mãos e nos pés, cinco em cada um, assim como ela. E juntas cinza escuras, metálicas, nos ombros, cotovelos, pulsos, joelhos, calcanhares e pescoço. Além de uma parte aberta, sem a cobertura branca, na região lombar.

Sim, ele era mais diferente dos humanos do que igual. Sombra tinha certeza que um humano se incomodaria com sua invasão, mas o robô preferia ignorar ou apenas não se importava o suficiente para enxotá-la dali. Talvez ele estivesse com algum defeito.

Lentamente, o robô abriu uma caixa que ficava em uma mesa de madeira gasta, embaixo do painel, e retirou de dentro uma ampola cinza. Sombra ficou lá parada, observando-o caminhar até o banquinho, que ficava a cerca de dois metros daquela parede, e se sentar ali.

Os dedos seguravam a ampola com dificuldade, pingando um líquido amarelo na junta do cotovelo esquerdo. O movimento parecia doloroso.

A barriga de Sombra roncou mais uma vez.

A boca continuava seca.

Mas ela só conseguia pensar em como aquele robô devia estar sofrendo com suas juntas enferrujadas.

— Você quer ajuda? — Deu dois passos para a frente. O robô não respondeu. Era como se ela não estivesse ali. Perguntou de novo. — Quer ajuda, moço?

— Moço? — Ele a encarou.

— Eu não sei o seu nome. — Ela se aproximou com cuidado.

— Não tenho um nome.

— Apelido? — tentou. — Eu sou a Sombra, mas esse não é o meu nome, *nome*. Não lembro meu nome.

— Meu número de série é T430.

— Muito complicado! — Sombra pensou naquela sequência várias vezes. — Posso te chamar de Theo?

— Theo? — O robô tombou um pouco a cabeça para o lado. Depois voltou a colocar o líquido amarelo no braço, ignorando totalmente a presença de Sombra ali. Ela estranhou, mais uma vez, o fato de o robô apenas seguir suas atividades diante de algo que parecia não compreender.

Sombra olhou para os lados, para o container que havia lhe chamado a atenção antes. Não havia outro lugar para se sentar além do banquinho de T430, então ela se sentou ali mesmo no chão e ficou por um longo tempo observando o robô em sua atividade morosa. E, quando as costas doeram, se arrastou até a pilastra de ferro e se apoiou ali.

E ela dormiria se não fosse pela sede que arranhava sua garganta. Deu uma rápida olhada em volta, mas era óbvio que ali não tinha comida de humanos e duvidou muito que tivesse água. Mesmo assim, perguntou:

— O que você bebe?

— Eu não preciso de bebidas.

— E o que é isso aí? — Apontou para o líquido amarelo.

— Isso? — O robô levantou a ampola. — É um óleo especial que uso para os meus encaixes não rangerem.

— Não tá funcionando muito bem, né? — Sombra soltou sem pensar. Ele ergueu os olhos e a encarou. Parecia não ter entendido muito bem o que ela queria dizer. — O óleo. Não tá resolvendo o problema.

— Ah… — Ele olhou para o objeto em sua mão esquerda. — É. Estou velho. Não consigo alcançar algumas partes, e aí com o tempo foi ficando pior.

— Posso te ajudar. — Sombra se levantou. — Você só precisa me falar o que fazer…

O robô se afastou com tanta pressa que derrubou o banquinho.

— Você veio roubar?

— Roubar o quê? — Ela se sentiu profundamente ofendida. Nunca entendeu o motivo de sempre acharem que ela queria roubar alguma coisa. Ok que, naquele caso, havia invadido uma propriedade. Mas não era ladra.

O objeto que estava em seu bolso não tinha sido roubado, por mais que os garotos dissessem aquilo. O cilindro pertencia a ela. Era sua herança.

— É o que humanos sempre fazem. Entram, pegam o que querem e destroem tudo.

Sombra cruzou os braços, insatisfeita. Notou uma mágoa muito grande no tom de voz do robô. Mas tinha sua própria mágoa para resolver.

— Não quero o seu óleo, meu filho.

— Então o que veio fazer aqui?

— Me esconder. — Ela voltou a se sentar com as costas na pilastra. — Mas se não quer minha ajuda, se vira aí.

O robô ficou lá parado, com a ampola na mão, processando o que Sombra tinha acabado de dizer. Ele sabia lidar com humanos. Era da terceira geração de robôs domésticos, de muito antes da revolução. Viu os humanos chegarem no auge e caírem. Acompanhou de perto quando eles tentaram se reerguer e falharam.

Mas aquela humana ali era diferente.

Ela era *estranha*.

# Capítulo 4

Sombra sabia muito pouco sobre o Mundo Anterior. Só conhecia o resto dos escombros e as lendas. O lugar onde pisava agora era seco e avermelhado, cheio de pedras de vários tamanhos e lixo.

Diziam que aquilo havia sido um rio grandioso e Sombra só acreditava naquela história por que via a enorme construção, praticamente destruída, de uma ponte. Mas, em algumas histórias, ela não acreditava. Lendas de uma lama tóxica e quinhentos dias de chuva seguidos por décadas sem que uma gota d'água caísse do céu.

Hoje em dia não chovia o bastante para trazer de volta aquele rio ou qualquer outro, mas o suficiente para causar brigas pela posse da água. Posse que Sombra precisava reivindicar para não morrer de sede.

Já fazia bem mais que um dia inteiro desde que bebera alguma coisa pela última vez. Se sentia seca, como aquelas pedras no chão. Mas não podia parar, ela nunca podia.

Torceu para que os garotos não estivessem próximos do Trep, onde esperava encontrar Isabel, uma garrafa d'água e, com sorte, alguma comida. Não contaria a ela sua descoberta no galpão mal-assombrado.

Um vento frio bateu em seu rosto e ela esfregou as mãos ao olhar de longe a cidade fantasma. Carcaças do que haviam sido prédios, casas e ruas. Era tudo poeira e pedras de cimento, em tons de cinza e marrom. Entre os escombros, uma construção se destacava. Trep se erguia empoeirado e rachado, perigosamente tombado para o lado, esperando só o momento certo de desabar.

O lugar era o centro onde tudo acontecia: pessoas se encontravam, trocavam trabalhos, informações e favores. Era o último lugar na Terra onde Sombra deveria ir, mas justamente para onde estava indo.

Antes de sair do rio, olhou para trás, para o pico que se erguia como uma gigantesca parede de pedra. Fechou os olhos por um instante, tentando imaginar como tinha sido o mundo antes, mas sua imaginação sempre esbarrava em um sentimento amargo. Então puxou seu capuz sobre a cabeça e andou disfarçada entre as ruínas, se mantendo oculta com a ajuda da noite que começava a cair.

Ao chegar perto do Trep, esperou não ser reconhecida entre tanto movimento. Caminhou sorrateira pelos becos, fazendo jus ao seu apelido. Era como uma sombra, silenciosa. Veloz, e por conhecer aquele caminho como a palma da mão, chegou rápido ao Docho, mas não entrou pela porta. Podia ouvir com clareza a mistura de vozes. Era óbvio que o principal ponto de troca de todo o Trep estaria lotado.

Então contornou toda aquela sessão, rente a parede escura, até chegar à escada secreta que ela e Isabel tinham descoberto anos atrás e que era de conhecimento apenas de pessoas pequenas como elas haviam sido (e que ela, Sombra, continuava sendo). A subida era íngreme, úmida e estreita. Mal cabia Sombra, mesmo com a respiração presa, na tentativa de murchar ainda mais a barriga quase inexistente. Seu peito, que não estava comprimido pela faixa que sempre usava, quase foi um problema no fim da escada. Mas ela conseguiu chegar.

Como esperado, Isabel estava lá, naquela parte do Trep que ninguém mais se aventurava a ir. Sombra sabia que Isa tinha se arriscado pelas escadas que ligavam todo o prédio, e subido pela parte interditada.

— Achei que você não viesse mais. — A garota abriu os braços. Sombra esperou por um abraço forte, mas foi surpreendida por um aperto contido, quase que apreensivo.

— Eu disse que vinha, não disse? — A voz de Sombra saiu abafada pelos cabelos de Isabel. Um dos cachos entrou em sua boca, o que a fez se afastar. — Parece que tem um ano que não te vejo! — Em um gesto carinhoso, afastou as mechas castanhas que estavam caindo pelo rosto da garota.

— Você me viu ontem. — Não deu importância para a frase, virando as costas. — A conversa por aí é que você desapareceu entre os fantasmas do galpão. Mas eu sabia que era mentira dos garotos. Você nunca iria lá.

— Mas eu fui.

Isabel se virou com tudo.

— O quê?

— Eu sabia que os meninos não me seguiriam até aquele prédio. — Sombra olhou para os lados, procurando o melhor lugar para se sentar. Não havia. No canto, abaixo do buraco de uma janela, tinha apenas uma mochila velha. O chão estava empoeirado, diferente da última vez em que estivera ali. Fazia tempo. Aquele era o refúgio para onde Isabel corria quando precisava escapar um pouco dos irmãos. Ela o mantinha limpo e sempre trazia consigo uma toalha e comidas. Só que dessa vez era diferente.

— Mas… e os fantasmas?

Sombra a encarou. O que havia mudado naquele dia em que esteve longe? Passou a língua pelos lábios, tentou engolir saliva, mas estava seca.

— Despistei.

Aquela não foi a primeira mentira que contou para Isabel, mas nunca deixava de ser ruim. Sombra não podia arrastar a amiga para seus problemas. Isabel já tinha questões demais para se preocupar: três irmãos mais novos que dependiam dela, desde que o pai morreu, dois anos atrás.

Emílio foi um dos últimos adultos a morrerem. E, enquanto estava sobre a proteção dele, nem Sombra, nem boa parte das crianças, precisavam se preocupar com os meninos mais velhos, nascidos e criados nos andares superiores do Trep.

A garota ficou parada, esperando uma explicação que não veio.

— Você trouxe água?

Isabel foi até a mochila e tirou de lá uma garrafa pequena. Em um mundo destruído como aquele, plástico era uma das poucas coisas que pareciam durar para sempre.

Sombra nem esperou pela amiga, puxou a garrafa das mãos dela e bebeu parte do conteúdo barrento com certo desespero. Sabia que aquilo podia fazer mal, então diminuiu o ritmo.

— Tem comida? — perguntou sem olhar para Isa.

A garota voltou até a mochila e desembrulhou duas folhas de Espinhoso, cuidadosamente raspadas. A planta que a amiga cultivava no quintal de sua casa, ao lado do que havia sido o rio, era a preferida de Sombra. Ela partiu a primeira folha em duas, salivando ao ver a parte verde clara debaixo do verde escuro da casca.

— Os Vermelhinhos ainda não brotaram — Isabel comentou, sem disfarçar o tom de preocupação. O fruto daquela planta, que brotava dois meses no ano, já deveria ter brotado. Mas Sombra não queria se preocupar com aquilo, não naquele momento, então fechou os olhos para saborear o azedo gostoso que a fazia lacrimejar. Ainda que os espinhos raspados pinicassem um pouco a língua. — Colhi na pressa e nem consegui preparar direito. As crianças…

Isabel não precisava explicar o quanto cuidar de seus irmãos era complicado.

— Talvez eu suma de novo — Sombra interrompeu com a boca cheia. Isa a encarou, confusa. — Os garotos ainda devem estar atrás de mim, me procurando por aí. Consegui despistá-los no galpão mal-assombrado, mas eles não vão desistir. Você sabe como eles nunca deixam nada barato! — Tomou mais um gole da água. Queria se sentar, mas sabia que, se fizesse isso, acabaria ficando por ali. E tinha que voltar.

Havia deixado o robô por lá, cuidando de si mesmo. Torcia para que ele continuasse com sua rotina monótona e normal, que não notasse o cilindro pequeno que ela escondera num buraco entre um bloco quebrado e outro, atrás do container.

Sombra contava que o robô continuasse indiferente a ela e a qualquer mudança ao seu redor, e achava que era mais seguro deixar seu tesouro no galpão do que trazê-lo consigo.

— E pra onde você vai? — Isa tentou puxar a atenção de Sombra com um toque breve no braço da amiga.

Sombra terminou de mastigar, bebeu mais um pouco de água e pensou muito se seria sincera ou não.

— Encontrei um lugar onde posso me esconder… — Escorregou da pergunta do melhor jeito que pôde, esperando que Isa entendesse que aquela omissão era apenas para protegê-la. Mas Isabel era insistente.

— Que lugar, Sombra? Você some por quase dois dias. Sabe quanto tempo estou aqui esperando você aparecer?

— Eu disse que viria antes do sol se pôr…

Quando decidiu invadir o ferro velho onde os garotos guardavam aquilo que roubavam dos outros ou coletavam entre as ruínas, sabia que era um caminho sem volta, então deixou um recado para que Isabel a encontrasse no lugar secreto delas, até o pôr do sol do quinto dia da semana.

— Mas eu fiquei preocupada! — A voz da garota estava cada vez mais alta. — Você não pode fazer isso.

— Não sou um dos seus irmãos… — Sombra cruzou os braços, queria parecer mais séria e chateada do que realmente estava. Talvez, se brigasse com Isa, se afastar dela fosse mais simples.

— E nem adianta falar assim comigo que não cola. Te conheço desde sempre. Sei que você quer fugir. — A garota também cruzou os braços. — Para onde você vai? — repetiu a pergunta.

— Contar pra você seria te colocar em risco. Colocar *as crianças* em risco. Não vou fazer isso.

E ficaram as duas ali, de braços cruzados, na defensiva, até Isa se dar por vencida.

— Tudo bem. Não quer contar, não conta. Mas só me responde uma coisa. — Se aproximou de Sombra, pegou a garrafa vazia de sua mão e, com a outra, tocou o rosto da amiga. — É um lugar seguro?

O primeiro impulso de Sombra foi se afastar. Sempre era se afastar. Mas era Isa ali, com as pontas dos dedos calejadas por cuidar das pequenas plantações de Espinhosos, então, agarrou a mão da garota com força, fechou os olhos e desejou viver em tempos melhores. Talvez aquele robô solitário do galpão fosse sua conexão com essa vida que sonhava.

— Acho que é o lugar mais seguro onde posso me esconder — garantiu, ainda com os olhos fechados. Queria continuar ali, com Isa por perto, no lugar onde as duas se escondiam do mundo.

— Tudo bem, então. Como posso te ajudar? — Começou a se afastar, mas Sombra a segurou firme, abrindo os olhos e encarando a amiga. As írises castanhas de Isa pareciam mais claras vistas daquela distância. Era tão fácil lidar com ela, ainda que estivesse chateada pela fuga e preocupada com tudo de ruim que poderia acontecer.

Por um minuto, Sombra não soube o que responder. Perdeu as palavras, mesmo que tivesse o plano inteiro bolado na cabeça. Isabel tinha esse poder de fazer o silêncio parecer mais confortável que qualquer frase, qualquer promessa.

Engoliu em seco, a garganta arranhando mais uma vez, como se não tivesse acabado de beber uma garrafa de água, e se afastou, sentindo aquela coisa estranha que sempre ficava no ar quando Isa estava longe. Um vazio na altura do estômago, um incômodo, como se tudo estivesse fora do lugar.

— A cada dois dias, deixe uma mochila com água e comida para mim na ponte quebrada — falou, com a voz fraca. — No primeiro pilar, escondida entre as pedras. Mas toma cuidado que os garotos podem estar vigiando você e as crianças.

— Tudo bem.

— Mas não se coloca em risco, ok?

— Tudo bem! — repetiu, um pouco impaciente. Abriu a boca para dizer algo. Desistiu. Isa não precisava falar, Sombra já sabia. Sabia que a amiga não entendia por que tanto risco por um cilindro bobo, o sonho de um passado distante, algo completamente sem função para os dias atuais. Dias que não permitiam utopias. Mas, para Sombra, aquele cilindro representava a esperança passada por sua mãe. Ela não desistiria assim tão fácil. — A mochila vai estar lá.

— De dois em dois dias?

— De dois em dois dias!

# Capítulo 5

O alarme era agudo e incômodo, soava direto nos ouvidos de T430, e somente em seus ouvidos. O robô achava o mecanismo de segurança perturbador demais, e tinha tanto tempo que não soava…

Por anos ficou ali sozinho, sem ser incomodado por ninguém. E, agora, alguém invadia seu galpão de novo. *Ela* invadia seu galpão.

Ele tentou desativar os comandos, mas o barulho o perturbava mais do que deveria ser normal. Já era velho, tudo estava desgastado em sua lataria e certamente seus circuitos também não estavam na melhor condição.

Com muito custo, conseguiu. A cabeça tombou para o lado quando o barulho diminuiu de volume até virar silêncio. Bom, não um silêncio completo…

— Ei, ei. — A jovem estalava os dedos na frente dos olhos do robô. — Cê tá legal?

— Você invadiu. — Foi tudo o que conseguiu dizer.

— Sim, invadi. Seus fantasmas de mentirinha não me assustam.

T340 tateou o ar até encontrar seu banquinho e se sentou ali, ligeiramente aliviado.

— Mas eles estão lá justamente para que você não entre. — A voz dele acabou saindo rude, o que não a abalou.

— Então você precisa de defesas melhores… — Deu de ombros, se sentando no chão perto da pilastra de ferro e abrindo uma mochila que trouxera de onde quer que tenha ido.

Ele não podia discordar. De fato, precisava não apenas de defesas melhores, mas de tudo melhor. O ranger de suas juntas estava ficando insuportável, ele mal conseguia alcançar o pescoço e as junções na lombar. Não conseguia, já há muito tempo, manter os equipamentos que construíra com tanto cuidado nos primeiros anos em que chegara ali. Faltava uma peça, sempre faltaria uma peça, então ele só desistiu, guardou tudo em um container velho e seguiu seus dias, fazendo o mínimo possível, para se desgastar pouco.

T340 tinha esperanças de que a garota que conhecera tantos anos antes trouxesse a peça que prometera buscar. Ainda esperava que ela entrasse galpão adentro, com aquela energia humana que parecia brilhar. Mas ele sabia que a garota não existia mais. Se existisse, a essa altura, estaria idosa para além dos limites humanos. E os humanos duravam muito pouco.

Ele chiou ao se mover no banquinho. Hoje estava sem forças para projetar, nos próprios olhos, as imagens que amava revisitar. Era incrível como sua memória ainda era a única coisa intacta. Pararia de funcionar em breve, mas as lembranças continuariam ali, esperando que, um dia, alguém as resgatasse.

— É… cê não tá bom hoje não, hein? — Sombra tirou algo verde escuro de dentro da mochila. Parecia uma planta, mas o robô estava sem energia para pesquisar sobre ela em seu banco de dados.

— Já tive dias piores. — Se contasse toda a sua história, de fato, tivera dias muito piores, como quando foi parcialmente destruído durante a Última Guerra e esquecido numa garagem. Mas, depois de remontado, certamente, aquele era o pior. E amanhã seria o pior. E depois de amanhã pioraria mais. Até o fim.

— Tem certeza que não quer ajuda com aquele negócio que você joga nas juntas? — Ela estreitou os olhos. — Você tá fazendo barulho demais.

— Tudo bem! — Se deu por vencido, porque *já estava* vencido. — As ampolas ficam embaixo do… — Parou. Sombra já tinha se levantado depressa e estava abrindo a caixa onde ele guardava seus óleos. — Aí.

Ele ficou olhando os movimentos dela com receio. Em uma situação normal, jamais confiaria seu precioso óleo nas mãos de qualquer um. Mas aquela não era uma situação normal, era desesperadora.

Andando de um jeito meio duro, Sombra se aproximou. T340 ergueu o braço, como um humano pronto para ter sua pressão aferida. Quando os dedos dela tocaram seu revestimento, o robô amaldiçoou seu desenvolvedor por ter lhe dado o que era chamado na época de alta sensibilidade. Algo totalmente inútil para suas funções e que só lhe causava incômodo. No reflexo, se afastou.

— O que foi?

— Minha lataria é revestida com uma camada de Sykin.

— De quê? — Ela se afastou um pouco também.

— Uma espécie de pele para robôs.

Ao contrário do que esperava, aquilo não amedrontou ou causou estranhamento em Sombra. Ela se aproximou dele e, com bastante cuidado, passou a mão direita por seu braço.

— É frio.

O robô sentiu algo estranho na altura do peito. Certamente um mau funcionamento em sua bateria. Aquilo sim seria um grande problema. T340 tentava poupar e conservar o máximo possível de sua energia, pois não conseguia mais manter as placas solares no telhado do galpão

— Bom… — Ela retirou a mão. — Como faço isso? — Ergueu a ampola.

— Retire a tampa e vire o frasco. O conta-gotas vai impedir que você gaste mais óleo que o necessário.

— Você parece estar precisando de mais que o necessário… — Tentou mexer o braço de T340, mas ele o manteve imóvel. — Ok… — Sombra disse de um jeito cantado e fez exatamente o que o robô havia sugerido. Depois, repetiu o processo no outro braço, nos ombros, nos joelhos. Até chegar, finalmente, à complexa região do pescoço e da lombar. — Nossa…

— O que foi?

— O trem não tá bonito aqui atrás não, viu?

— Trem? Isso não é um trem.

— Trem quer dizer “coisa”.

— Não. Trem é trem.

Sombra parou o que estava fazendo e se abaixou um pouco, virando o corpo, de modo a encarar o robô.

— Quê?

— Trens são… *eram* meios de transporte sobre trilhos.

— Trilhos? — Ela voltou a observar as partes expostas das costas de T340. E o robô desejou poder mostrar a ela como o mundo era no passado, cheio de trens e trilhos e estradas e carros e aviões. Cheio de pessoas e de vida. E não aquele solo seco e destruído. Às vezes, em seus momentos de contemplação, T340 deixava seus olhos enxergarem árvores altas e chuva leve.

Sombra soltou o ar, parecia cansada.

O robô não precisava respirar, mas sabia o quanto aquele ar era pesado. Talvez Sombra não soubesse disso, talvez nem fizesse ideia de que respirar havia sido mais fácil tempos atrás. T340 preferiu não comentar nada. Quando não sabia como responder, apenas deixava a pergunta de Sombra no ar, esperando para sempre por uma resposta.

— Tá… E como eu faço isso agora?

— Você aplica o óleo do mesmo jeito que fez antes, mas em cada um dos elos e também nas molas pequenas. Você consegue ver?

— Nossa, mas… — Ela tocou de leve o pescoço do robô e soltou um muxoxo de desaprovação. — Isso aqui precisa de uma limpeza…

— Tem um líquido… O que você está fazendo? — Ele só conseguia sentir os dedos de Sombra estudando seu pescoço quando eles esbarravam de leve em sua Sykin. Ela estava fazendo alguma coisa.

— Tá feio o trem…

— Eu já disse que… — Desistiu. — Tem um líquido guardado no container, ele é especial para o material das minhas molas e junções. Mas tem um tempo que não consigo fazer a manutenção.

— É… dá pra ver!

T340 deixou escapar uma risada, algo muito mais parecido com um apito do que com o riso humano. De todas as coisas que haviam lhe dado quando foi atualizado, aquela era a que mais gostava: a capacidade de achar graça e se divertir. Quando foi criado, T340 só tinha uma atribuição: manter uma casa em funcionamento, limpa e segura. Ele era grato por sua formatação original, o que lhe permitia manter o prédio até hoje (não limpo, porém, minimamente seguro). Mas era a capacidade de aprender e de se entreter, que veio com a atualização, que o mantinha são. Porque, sim, robôs perdiam a sanidade. T340 se lembrava bem.

Devagar, ele se levantou, sentindo os dedos, braços e pernas menos duros. Caminhou lentamente até o container que mantinha fechado e se abaixou, ouvindo a lombar ranger. Levantou os parafusos que prendiam as alças de uma das portas, levantando e girando as peças. A porta fez um barulho alto, grave e metálico. Também precisava de óleo, mas T340 não gastaria seu estoque ali.

Puxou a porta, que chiou ainda mais, revelando um espaço escuro. Os olhos do robô se adaptaram ao ambiente, buscando pela caixa onde guardava o ácido.

— Nossa… — Ouviu a voz de Sombra atrás de si. — Não dá pra ver nada!

— Fale por você, Sombra. — Encontrou a caixa, a pegou e abriu.

— Então você lembra meu nome…

Os sensores do robô detectaram a presença de Sombra bem atrás dele, provavelmente espiando o que ele estava fazendo.

— Meu melhor componente é a memória. — Ele pegou a garrafinha de plástico, que era três vezes maior que a ampola que Sombra ainda segurava na mão, e se virou, entregando para ela. — Não tem muito. E cuidado, não é forte, mas ainda assim é um ácido. A pele humana é muito frágil.

Ela soltou uma risadinha.

— Você, definitivamente, não me conhece, Theo.

# Capítulo 6

Era isso, Sombra tinha escolhido um nome para o robô e ele parecia não se opor. Ela achava muito chato ficar pensando nele apenas como “o robô” ou por T430, dava muito trabalho.

A jovem estava começando a se acostumar com a rotina dele. Todos os dias, quando a luz começava a sair pelas grandes janelas do galpão, Theo se levantava de seu banquinho (e Sombra desejava ter uma coluna tão boa quanto a dele que, mesmo em péssimo estado, não doía. Aliás, será que ele sentia dor? Era uma pergunta constante que ela fazia para si mesma), ia até o enorme painel cheio de luzes piscantes, conferia o funcionamento de tudo e voltava ao seu banquinho, onde, vez ou outra, soltava seu som de apito ou falava sozinho.

A diferença era que, agora, com a presença de Sombra ali, ele passava mais tempo conversando com ela do que vendo o que quer que estivesse vendo em seus olhos de robô.

Sombra tinha feito uma espécie de cama no canto do galpão, onde o sol nunca batia. Estendera dois panos que Isabel havia colocado na primeira mochila, e usava o próprio objeto como travesseiro. À noite, sentia frio, mas já tinha se acostumado com isso.

Achava meio entediante ficar ali, parada, sentada com as costas na parede fria do galpão, enquanto Theo seguia sua rotina, mas era um tempo de descanso e até de tranquilidade que ela nunca tivera.

— Ei, Theo! — chamou o robô que estava lá, olhando para o nada. Sombra achou estranho no começo, mas se acostumou rápido. — Theo!

Num movimento rápido e nada fluido, ele a encarou. Seus olhos amarelados brilhando sob a luz baixa do fim de tarde.

— O que você fica fazendo aí parado?

— Vendo o passado.

— Vendo o passado? — Ela se empertigou.

— Sim, eu vejo as gravações que tenho na minha memória.

— Das coisas que você viveu?

— Também. Mas eu guardo memórias que não são minhas.

— Aqueles *fantasmas*...

— Hologramas — ele a corrigiu.

— Aqueles *hologramas* são memórias?

— Sim.

A jovem começou a rir.

— Então nós sempre tivemos medo de memórias?

O robô tombou a cabeça, mas não respondeu. Olhou para as luzes piscando no painel e Sombra pensou em como seria se lembrar de tantas coisas, *saber* tantas coisas. Ela mesma não sabia quase nada além daquilo que havia aprendido em sua curta e limitada vida.

— Como era no Mundo Anterior? — questionou, abraçando os próprios joelhos. Tinha medo da resposta.

— Barulhento. — Por um momento, Sombra achou que aquilo era tudo o que o robô ia responder. Mas ele ergueu a cabeça e continuou: — Os seres humanos sempre foram muito expansivos e ambiciosos. Criaram coisas grandiosas, como esse galpão, prédios, túneis. Não podiam respirar debaixo d'água, então criaram submarinos; não podiam correr mais rápido que as pernas, então criaram carros; não podiam voar, então criaram aviões. O céu era o limite, então foram além, pras estrelas. Mas ir além do que a natureza te dá sempre custa um preço. A cobrança está aqui. — Theo abriu os braços, que rangeram um pouco. Estava na hora de aplicar mais óleo.

Sem entender muito bem, Sombra olhou para os lados. Não viu nada além do galpão cada vez mais escuro conforme a noite caía, e as luzes do painel e dos olhos do robô. Depois olhou para as próprias mãos. Não conseguia mais ver muita coisa, mas sentia a terra embaixo das unhas, os calos nas palmas.

A cobrança estava ali, era ela. Era o mundo em que vivia agora.

— Ah… — Olhou de novo para o robô e esperou que ele seguisse. Só que Theo era assim, parava o assunto do nada, como se não soubesse prosseguir ou responder. — Mas o que rolou? — incentivou.

— Esgotaram todos os recursos possíveis para manter uma tecnologia que estava cada vez mais veloz. — E explicou, ao notar o semblante confuso de Sombra: — Quando nós, os Mecânicos, fomos criados pelos humanos, nos produzir em larga escala custava muitos recursos naturais. Ao mesmo tempo, a humanidade se expandia, ficava mais populosa e mais faminta, invadia as florestas com cidades e pastos. Foi um misto de coisas. Bilhões de pessoas com fome, os Mecânicos revoltados e a natureza tentando curar o planeta porque os humanos se tornaram nocivos demais.

— Hum… — Sombra não estava conseguindo acompanhar muito bem, precisaria de mais tempo e de mais explicações.

Porém, não era tão difícil assim imaginar o que tinha acontecido. O pouco que ela sabia era que houve uma guerra. Pelo estado em que o mundo ficou, pelo menos o mundo que ela conhecia, a coisa não tinha sido bonita. Um rio do tamanho daquele onde sempre pisava, completamente seco, uma cidade em ruínas, a morte os assombrando cada vez mais novos. Agora ninguém mais passava da faixa dos trinta anos. Se tudo continuasse como estava, em pouco tempo, não existiria mais gente.

— E o que aconteceu com outros como você? — Chegou a pensar em falar que já tinha visto pedaços de robôs, danificados e enferrujados, mas achou melhor não comentar nada.

— Desativados, destruídos… Talvez, alguns, como eu, tenham escapado da Última Guerra. Mas eu nunca mais vi nenhum. Não depois de ter sido religado e reconfigurando.

— Você é o último robô do mundo? — A voz tinha um ar de admiração e tristeza, como se estivesse diante de algo belo e único.

E estava.

— Talvez eu seja. Mas desejo que não.

Então robôs tinham desejos? Será que tinham esperança? Será que Theo guardava dentro de si uma faísca de sonho? Sombra guardava. A mãe havia lhe dito, em uma das poucas memórias que tinha de quando era uma criança pequena, que grandes aeronaves um dia viriam resgatá-los, que ela não podia desistir. Era engraçado como aquilo superou até a lembrança de seu próprio nome.

E, talvez por isso, Sombra nunca desistiu. Ainda que tivesse perdido a ilusão infantil de naves e resgates milagrosos, ainda que sobreviver fosse cada dia mais difícil, ainda que não conseguisse imaginar um futuro para além daquele solo seco e ar empoeirado, ela se agarrava na esperança por dias melhores. E sabia, com uma certeza enterrada profundamente dentro de si, que esses dias viriam.

Talvez também fosse isso o que mantinha Theo ali, todos os dias em sua rotina, seguindo em frente. Esperando.

— E por que vocês foram destruídos? — Ela apoiou o queixo sobre os joelhos.

— Nós éramos servos. Você sabe o que é um servo?

Sombra fez que não com a cabeça e seguiu em silêncio, vidrada.

— Servos são aqueles que trabalham para alguém, incondicionalmente, servindo sempre que necessário. E, mesmo quando não é necessário, estão ali para servir.

— Ah… Como a gente faz no Trep?

— Como vocês fazem no Trep?

— Eu faço algo para você quando você precisa, e você me dá algo em troca.

Um barulho estranho e agudo saiu da boca de Theo.

— Não… Nós não recebíamos nada em troca.

— Mas vocês trabalhavam, né?

— Mas éramos robôs.

— E daí? Trabalho é trabalho. — Ela abriu os braços, depois apoiou a coluna na parede.

— Máquinas eram propriedades criadas para servir os humanos.

— Tá, mas vocês não ganhavam nada por isso? Nada *mesmo*? — Abanou uma das mãos no ar.

— Ganhávamos o direito de estarmos ligados — respondeu, com certa simplicidade, e se levantou, caminhando até o painel.

— Então os humanos criaram vocês apenas para servi-los, ou seja, toda a existência dos robôs só fazia sentido enquanto um humano precisasse?

— Basicamente.

— Não me parece muito justo.

— Também não pareceu justo para muitos Mecânicos. Humanos querem sempre mais, como eu disse. — Ele se virou rapidamente para ela, depois se voltou para o painel. — E, por isso, queriam que nós fôssemos mais também. Eram ambiciosos, então criaram androides ambiciosos. Aí os Mecânicos evoluíram e se rebelaram.

— Bem feito!

De novo o barulho estranho da garganta de Theo.

— Bem feito nada — refletiu quando parou de apitar. — Infelizmente só trouxe caos. — Ele mexeu em alguns botões na caixa de energia. Quando puxou um deles para cima, uma luz fraca acendeu acima da porta do container. Sombra ficou olhando para aquela luz. Quase perguntou o que mais existia naquele galpão que poderia tornar sua vida mais confortável, mas Theo continuou antes que ela pudesse comentar: — No final, a gente perdeu a revolta e, em seguida, os humanos se afundaram na Última Guerra, destruindo o resto de nós.

— Sei lá. — Sombra estalou a língua e relaxou os ombros. — Acho que ia preferir o caos do que uma vida inteira como servo.

— Vida? — Theo voltou a se sentar no banquinho. — E quem disse que máquinas têm vida?

Sombra o encarou por longos minutos em silêncio, o cenho franzido, os olhos apertados. Ela não sabia o que significava ter uma vida para além de sua existência: de acordar, se levantar, sentir, respirar, sorrir, ter pesadelos, fazer e desfazer amigos. Mas acreditava que podia existir vida de um jeito diferente do seu, por que não? Alguém que se sentava entre as tarefas e ficava assistindo gravações de tempos antigos, que não respirava, mas rangia ao se movimentar, que falava e fazia barulhos estranhos com a garganta. Alguém que pensava e, no fundo, Sombra sabia, alguém que sentia. Por que Theo não teria vida?

Por não saber direito o que falar, continuou sua série de perguntas:

— E como foi que você escapou?

— Eu era limitado demais para ser um soldado na Última Guerra. E não tinha autonomia o bastante para ser considerado uma ameaça. Eu era só um robô doméstico antigo, quebrado e esquecido na garagem de uma família de classe média. Quando me religaram, a guerra já tinha acabado.

— O mundo já estava assim? — Sombra se encolheu ainda mais, abraçando os joelhos com força. Era o frio, sim, mas era o receio. Ela também tinha medo de conhecer o passado.

— Assim como?

— Seco e em ruínas.

— Não… O pior veio depois.

— Nossa! — Apertou os braços com força.

— Bilhões de pessoas morreram na guerra. Depois, quando todos os recursos naturais foram esgotados, a própria natureza cobrou o preço. E eu acho que ainda está cobrando.

Sombra pensou em sua mãe e em Emílio, em todos os adultos que morriam cada vez mais cedo e em seu medo de não ter muito tempo para viver, ainda que fosse naquele mundo destruído.

— A natureza quer acabar com a gente, né? — concluiu sozinha.

O robô ficou olhando para ela por um longo minuto, antes de resmungar para si mesmo:

— E o criador destrói a criatura.

# Capítulo 7

As gotas grossas caíam pesadas sobre o teto metálico do galpão, o barulho ensurdecia os ouvidos de Sombra. Encolhida em um canto, debaixo da escada, tentando se proteger da chuva que entrava pelos vidros quebrados das janelas, ela mantinha o olhar fixo em Theo. O robô parecia estar totalmente alheio ao mundo caindo lá fora. Ele já havia desligado as luzes do painel, aberto e fechado o container, e agora estava caminhando para perto dela. A lataria molhada.

Com dificuldade, ele se sentou debaixo da escada, rangendo alto.

— Essa é das grandes — comentou quase gritando, olhando para cima, para as janelas.

— Chovia assim antes? — Sombra também disse alto, queria que sua voz superasse o barulho da chuva.

— Ah, sim… Só era mais frequente. Eu já vi temporais muito piores.

— E não te assusta?

— Assustar? — Ele olhou para ela, depois para a chuva, e voltou a olhar para ela. — Você sempre me pergunta se tenho sentimentos humanos.

— É que só conheço sentimentos humanos.

O robô desviou de novo os olhos amarelados.

— Por que você está aqui? — perguntou.

— Curiosidade é um sentimento humano, Theo.

Ele soltou no ar seu apito agudo.

— Eu também só conheço sentimentos humanos. É a minha programação. Mas você não respondeu. — Virou o rosto, se aproximando de Sombra. — Por que está aqui?

— Estou me escondendo, eu já te disse.

— Se escondendo de quem?

Sombra não falou nada, agora era o momento dela de deixar perguntas no ar.

A chuva forte durou mais alguns minutos, depois foi substituída por gotas finas, até parar de vez.

Sombra só conseguia pensar se Isabel estava bem, se estava segura. Tempestades costumavam ser caóticas. Mas aquela seria uma benção caso Isa tivesse conseguido coletar a água.

— Nossa, tomara! — sussurrou para si mesma.

— O quê? — Theo, que agora estava religando os botões do painel de energia, virou as costas e olhou para ela.

— Eu só estava pensando alto.

— Pensando alto — repetiu de um jeito irônico. — Humanos…

— O que esse painel aí controla? — Ela foi se aproximando dele devagar.

— Tudo — respondeu um pouco seco. Sombra sentiu que o robô ainda não confiava nela completamente.

— Hmm…

Agora que o barulho da chuva havia passado, ela podia ouvir claramente o quanto ele estava chiando.

— Acho que vou passar o óleo em você antes de sair.

— Você vai sair *agora*?

A preocupação do robô a surpreendeu.

— Hoje é o dia marcado, não posso faltar.

O robô a encarou por longos minutos, sem dizer nada. Sombra engoliu em seco e desviou o olhar para o peito de Theo, o que a incomodou. Ao contrário dos humanos, não havia movimento ali, não havia respiração.

— Tudo bem… — ele disse, por fim. — Você me ajuda com o óleo quando voltar.

Sombra não entendeu a razão, mas sentiu que o robô *queria* que ela voltasse. Será que ele tinha medo que ela fosse embora?

— Ok. — Limitou-se a dizer, jogando sua mochila nas costas e deixando no chão as toalhas que Isabel havia mandado.

O sapato de Sombra já estava gasto, mas era seu preferido. Tinha sido feito por Emílio pouco antes do homem morrer. Ele era o último que realmente sabia transformar o lixo em algo totalmente novo e funcional. Todo mundo que tentou depois só conseguiu criar imitações baratas de sapatos e roupas. E como Sombra poderia julgá-los? Eram só adolescentes, como ela. A vida deveria ser mais fácil.

E, com seu sapato gasto, ela afundou o pé na lama assim que saiu do galpão. O sol, como sempre, castigava no céu, batendo forte em sua pele e fazendo o vapor subir. Por não estar acostumada com tanta umidade, Sombra sentia o ar ficar mais pesado, agarrando na garganta.

Mas seguiu, com os passos atolando, até avistar a ponte quebrada. De longe, podia ver um fino curso de água atravessar o rio, veloz. Imaginava que, com aquela chuva toda, fosse ter mais água, mas se enganou. Andou mais um pouco, entre as ruínas da cidade, tentando o máximo possível não ficar à vista. Evitou caminhar pelo rio, não confiava naquele solo.

Sombra olhou para os lados antes de entrar no espaço aberto. Seu pé ali afundava mais do que em sua caminhada pelas ruas, então pulou pedras até chegar ao pé da ponte. Lá, escondida e molhada, estava a mochila de Isabel. Checou-a rapidamente antes de colocá-la nas costas, deixando no lugar sua mochila surrada e vazia.

Voltou por todo o caminho desejando poder desviar até a casa de Isabel, ou até mesmo até o quartinho num prédio caindo aos pedaços, ao lado do Trep, onde morava. Queria um banho, comer um pouco melhor e beber toda a água que pudesse. Queria encontrar Isabel e dizer que gostaria de dormir com ela debaixo de três cobertores, como faziam sempre que esfriava muito. Sombra sempre corria para Isa quando chovia.

Mas não podia arriscar ser encontrada. Não sabia até quando conseguiria se manter escondida.

Theo não desligou os hologramas. As vozes frias sussurrando nos ouvidos até assustaram Sombra por um instante, até que ela se lembrou do que eram. Com medo, não sabia se dos hologramas ou de estar sendo seguida, entrou no galpão.

E deu de cara com o robô.

— Nossa, quer me matar? — Ela deu um pulo para trás.

— Não. Por que eu ia querer isso? — Theo parecia ultrajado.

— Porque você me assustou! — Sombra respirou fundo, tentando se acalmar. O robô se afastou e deixou que ela passasse.

— Você está nervosa.

— Pensei que fosse os meninos… — revelou, sem querer.

— Que meninos?

Sombra ignorou a pergunta, descendo a escada às pressas, como se pudesse fugir de Theo naquele galpão. Se sentou sobre as toalhas e abriu a mochila, pegando uma das garrafas de água e retirando um dos Espinhosos do plástico.

O robô desceu as escadas lentamente, rangendo a cada passo, e se sentou em seu banquinho. Ficou parado vendo Sombra comer.

— Por que você está aqui? — Dessa vez, ele não ia aceitar o silêncio como resposta.

Ela engoliu a água, mordeu e mastigou o Espinhoso até acabar. Bebeu mais água e desistiu de enrolar.

— Tem uns garotos atrás de mim.

O robô esperou que ela falasse mais alguma coisa. Mas Sombra não estava disposta a explicar.

— Por quê?

Ela se levantou, pegou uma ampola de óleo e, em silêncio, começou a aplicar no braço esquerdo de Theo.

— Por que, Sombra? — insistiu.

— São uns garotos que sempre implicaram comigo, sabe? Quando a gente era mais novo, eles até chegaram a me bater, mas o pai da minha amiga, a que deixa a mochila, me defendeu. — Enrolaria até o fim se pudesse evitar ter que explicar o que havia feito. Tinha medo de Theo não entender e achar que ela estava ali para roubá-lo. Deu um passo na frente dele e passou a aplicar o óleo no braço direito do robô.

— E…? — Ele sabia que faltava algo.

— Eles tinham algo que era da minha família, quando descobri isso e reclamei, eles tentaram me bater. Aí, quando fiquei maior e mais esperta, eu fui lá e peguei de volta.

Sombra colocou óleo nos dedos, mãos, joelhos e pés de Theo, durante o longo silêncio que dominou o galpão.

— Se era da sua família, por que estava com eles? — O robô parecia ter demorado muito tempo para formular a pergunta. Será que seu processador estava começando a dar pane?

— Era algo que minha avó perdeu, e que minha mãe e eu sempre tentamos encontrar. Aí eu descobri que estava com eles e peguei. — Ela se levantou, esfregou a roupa (não que aquilo adiantasse alguma coisa, pois estava imunda) e foi passar o óleo nas costas de Theo.

— Hm… — Ele demorou um pouco para continuar. — Se você só os roubou agora…

— Não roubei. — Sombra cruzou os braços.

— *Se você pegou de volta o que era seu* só agora — corrigiu —, por que eles implicavam com você antes?

— Por que eu sou uma aberração. — Ela voltou a colocar o óleo lentamente no pescoço de Theo.

— Você é? — Ele se mexeu e ela teve que o conter pela garganta, para não atrapalhar seu trabalho.

— Fica quieto.

— Mas você é? Uma aberração?

— Não sei. Eles dizem.

— E por que eles dizem?

— Porque eu sou diferente, porque não me interesso pelos assuntos sobre… as coisas íntimas que eles fazem uns com os outros. Porque… eles diziam que eu era estranha e fria.

— Mas eu acho você quentinha. Humanos são quentinhos.

Sombra riu. Não sabia como explicar para Theo exatamente o que estava dizendo. Que não ligava para qualquer relação física com outras pessoas, que só queria ficar na dela, procurando tesouros em meio aos entulhos. Que ela preferia consertar coisas e passar horas conversando com Isabel. Que preferia olhar as estrelas e observar tempestades ao longe, com seus raios bonitos cortando o céu. Que preferia especular sobre o passado e não sobre como é o beijo de alguém.

Se isso a tornava fria, por que sentia o sangue ferver quando insistiam em não a deixar em paz? Se era tão fria, por que sentia as bochechas esquentarem quando Isabel estava por perto?

— Droga! — Deixou a ampola cair no chão, entornando um pouco de óleo.

Theo se virou, curioso. As juntas não rangiam mais.

— Você estava pensando nos garotos, né? — O tom de voz dele estava grave. Sombra teve a impressão de que estivesse até… afetuoso.

— Não. — Ela se abaixou para pegar o objeto, se levantando em seguida. — Estava pensando em como eu gostaria de ser igual a eles…

— Um menino? — Theo tombou a cabeça para o lado.

— Não. Não sou, nem quero ser um menino. — *Nem uma menina*, completou em pensamento. — Eu só… — Encurvou os ombros e bufou. — Eu só queria ser igual a eles.

— Ser alguém que toma a posse dos outros para si e ainda agride quem reclama?

Sombra encarou o robô. O que ele estava dizendo era tão simples, uma verdade que ela não podia refutar. No fundo, Sombra sabia que não queria ser como eles, não queria falar sobre os assuntos deles. Mas queria falar com alguém que a compreendesse, queria se sentir menos sozinha. Isabel era uma boa companhia, só não entendia a maneira como Sombra enxergava o mundo.

— Eu queria ser parte de algo, de um grupo de amigos que conversam sobre o que gostam e discutem o que é melhor ou não. Eu queria que as outras pessoas me compreendessem, me ouvissem e não me roubassem.

— Os humanos do Mundo Anterior também se sentiam sozinhos.

— Mas você disse que existiam bilhões de pessoas…

— E ainda assim a solidão consumiu vocês. Os androides, aqueles que começaram a revolução dos robôs, foram os modelos criados para serem a companhia de humanos solitários.

— Nossa, nem mesmo o robô criado pra aguentar a gente aguentou a gente. — Ela se sentou no chão perto dele.

Theo fez seu familiar barulho com a garganta, que Sombra já sabia ser uma risada.

— Sabe… — ele ponderou um pouco. — Por que você não procura por pessoas iguais a você no meu banco de dados? Posso projetar minha visão para o sistema de hologramas. Mas teria que trazer tudo aqui para dentro.

— E as defesas?

— Temos os alarmes.

Sombra sentiu o estranho misto entre expectativa e medo. Ela sabia que os falsos fantasmas de Theo eram o que mantinha os garotos (e todo o resto do mundo) afastados. Mas… e se ela não fosse tão diferente assim? E se existissem, mesmo que no passado, pessoas como ela?

— Tudo bem. Só um pouquinho.

# Capítulo 8

Deu um pouco de trabalho reinstalar o sistema, já bem velho, dentro do galpão. Mas valeu a pena. Quando Theo perguntou o que ela queria ver, o primeiro impulso de Sombra foi saber sobre a Última Guerra e a destruição do mundo. Porém, pensou melhor. Quis ver como era a cidade onde vivia.

Primeiro, Theo ergueu uma miniatura aos pés de Sombra, dava para ver a cidade inteira de cima. Era enorme. Os prédios mais altos batiam em sua canela, mas o olhar de Sombra se prendeu na única coisa que parecia continuar a mesma. O pico se erguia gigantesco, uma soberana parede de pedra. Abaixou o rosto e observou o rio, correndo veloz e amarronzado. Sentiu vontade de chorar. Ela se agachou e tentou tocar o holograma, mas sua mão o atravessou.

— Essa cidade é tudo o que eu conheço — murmurou ao se levantar.

— Que tal conhecer mais coisa? — O robô mudou a projeção, preenchendo todo o espaço. Sombra se viu no meio de uma rua, hologramas dançavam em volta dela: carros velozes e pessoas nas calçadas, andando sempre com pressa. Estava sufocada no meio daquele caos, então apertou os olhos, desejando que Theo mudasse logo de cena.

Quando os abriu, estava no centro de uma grande biblioteca. Enormes estantes de madeira se erguiam até perder de vista.

— Esta é a Memória do Mundo — o robô apresentou, em uma voz suave. Sombra estendeu as mãos, mesmo sabendo que não conseguiria tocar a projeção. — Esse é o verdadeiro tesouro que guardo.

Com a boca seca, os olhos molhados e os braços abertos, ela girou lentamente, tentando enxergar tudo.

— O que são essas coisas? — Apontou para as lombadas perfeitamente colocadas uma ao lado da outra.

— São livros.

— Livros… — repetiu, sem conseguir piscar. Estava encantada. — Isso é… dentro de você? — Olhou para Theo.

— De certo modo, sim.

Ela voltou o olhar para os livros.

— E o que eles fazem?

— Livros guardam histórias. — Ele projetou um objeto retangular e o abriu, revelando folhas finas e amareladas. — Os humanos registravam dores, acontecimentos, dúvidas, sonhos e sentimentos em livros. Primeiro em tabletes de argila, depois em papel e depois digitalmente, usando computadores.

— Ah…

— Mas, vamos mudar o cenário, tenho muita coisa para mostrar…

— Não. Me deixa aqui mais um pouco, por favor?

— A graça é poder ler. — Ele apagou a projeção do livro.

— Não sei fazer isso — Sombra olhou para os lados, desolada.

— Então eu leio.

Às vezes, Theo lia para ela; em outros momentos, alternava entre lhe mostrar o mundo e contar histórias que ele já conhecia. Foi assim que Sombra descobriu que os humanos nunca conseguiram contato com outros planetas, mas que ele, Theo, gostaria muito de viver o suficiente para ver isso acontecer.

E foi assim que ela teve certeza de que aquele robô estava vivo, sim, tanto quanto ela. Que ele tinha sonhos e memórias, podia pensar, criar e planejar. E Sombra sentia que Theo *gostava* dela.

Em algumas noites, ela saía. Ia, sorrateira, até a fonte da rua trinta e seis, quando sabia que o lugar ficava vazio. Ninguém arriscava enfrentar o frio que queimava a pele e os sons de criaturas que saíam para caçar somente naquele horário. Mas Sombra não tinha o medo que eles tinham. Juntava todas as garrafinhas vazias e as trazia de volta cheias de uma água muito mais barrenta do que aquela que Isabel lhe mandava. Pelo menos cumpria a função de deixá-la menos suja.

Já nas noites em que passava no galpão, ela conhecia mais sobre os humanos, sobre ela mesma. Foi com os livros que Sombra descobriu que pessoas podiam não se interessar por ninguém, que ela não era obrigada a desejar garotos ou garotas, muito menos *ser* um garoto *ou* uma garota, porque ela era plural demais para caber naquele mundo quebrado. Foi com os livros que ela aprendeu que podia ser “estranha” para os outros, porque não havia problema nenhum em existir como ela existia.

Talvez fosse por isso que gostasse tanto de ficar ali, deitada com as costas no chão, olhando para as vigas no teto, enquanto ouvia Theo ler. Porque ele era estranho também.

Era por isso que gostava *dele*.

O estômago de Sombra roncou alto, arrancando um apito agudo da garganta de Theo.

— Talvez você devesse pedir para a sua amiga mandar mais comida…

— E como eu faria isso?

O robô não tinha sugestão, então só seguiu com sua leitura até Sombra dormir.

No outro dia, ela saiu do galpão no horário de sempre, atenta a tudo, evitando se expor, ainda que aquelas ruínas estivessem abandonadas há tempos. Por estar acostumada com o processo, notou de longe que a mochila não estava lá. Nem a sua, que havia deixado ali dois dias antes, nem a de Isabel.

Olhou rápido para os lados. Ninguém.

— Isa. — Correu sem pensar muito se seria pega ou não. Tudo o que conseguia pensar era se os meninos tinham feito algo com Isabel ou com os irmãos da garota. No caminho, com a mente cogitando um milhão de possibilidades, tropeçou e caiu duas vezes. O joelho esquerdo ardeu e sangrou, mas ela conseguiu chegar até a casinha de Isa.

— O que aconteceu? — A garota se aproximou rápido, com um olhar assustado e apreensivo, tocando o rosto de Sombra.

— Os garotos estiveram aqui?

— Não… Não levamos a mochila hoje porque desconfiamos que eles estavam vigiando.

— Droga! — Sombra bateu os braços nas laterais do corpo e só então percebeu que também tinha machucado o pulso direito na queda.

— Vem aqui. — Isabel a puxou com cuidado até os fundos da casa. — Se acalma um pouco.

Sombra tentou respirar fundo, mas o peito estava pesado. Puxar aquele ar seco para dentro sempre doía, ela já havia se acostumado. Só que agora tinha algo a mais, uma dor estranha, um medo comprimindo seu peito com força.

— Theo! — Sombra nem pensou muito antes de voltar a correr.

— Quem? — Isa perguntou, mas Sombra não ouviu. Já estava longe, correndo tão rápido a ponto de tropeçar. O galpão estava sem os hologramas. Sem os fantasmas que aterrorizavam os meninos. Sem proteção.

As pernas começaram a fracassar. Ainda assim, ela continuou até avistar o prédio ao longe. Tentou respirar, mas parecia que todo o ar tinha sido roubado de seus pulmões. E só parou quando chegou à porta. A respiração queimava.

Entrou como se estivesse preparada para encarar os garotos. Do alto da escada, viu um deles, o mais alto, em volta de Theo, que parecia atormentado. Não dava para ouvir o som do alarme, então Sombra concluiu que o alarme só soava dentro da cabeça do robô. Sentiu o coração se comprimir de pena e um ódio desconhecido tomou conta de suas veias.

— Solta ele! — Desceu correndo, disposta a pular em cima daquele menino e mordê-lo até arrancar pedaço. Só percebeu a presença do outro quando já estava no chão.

— Aberração! — O que estava perto de Theo zombou. Eram os mesmos garotos que tinham corrido atrás dela semanas antes. Olhou rápido para os lados, verificando se não havia mais ninguém, e se levantou depressa, sentindo o rosto doer no lugar onde o menino tinha batido. — A gente achou seu brinquedinho.

O sangue dela ferveu.

O robô já havia se afastado, estava acuado perto do painel.

— Eu devolvo o cilindro se vocês forem embora. — Tentou negociar, sem olhar para eles. Sua visão estava fixa em Theo.

O mais alto riu.

— Com um tesouro desses aqui, você acha que a gente vai querer uma porcaria de cilindro que nem abre? — ele voltou a falar.

— Que tesouro? — Sombra olhou para o container, tentando controlar a raiva e disfarçar enquanto se movia lentamente para perto de Theo.

— Aquele tesouro! — O mais baixo apontou para o robô.

— O Theo não é um objeto para vocês coletarem. Não é um ferro velho! — gritou.

— Mas tá parecendo. — O alto parou na frente dela, a impedindo de se aproximar mais.

O olhar de Theo estava nela. Por mais que o rosto metálico do robô não tivesse a mesma quantidade de expressões que o de um humano, Sombra soube que ele estava aprontando alguma coisa.

De repente, sem nenhum aviso, a cidade se ergueu ao redor deles, cheia de carros e pessoas, vozes, buzinas e passos. Os garotos ficaram apavorados e Sombra sentiu uma pontada de pena quando eles saíram correndo, tropeçando em si mesmos escada acima.

Eram só crianças, assim como ela. Crianças com medo de memórias.

Sombra ficou uns bons minutos encarando a porta do galpão, esperando que os meninos voltassem. Só quando teve a certeza de que não voltariam é que relaxou. Theo desligou o holograma e ela pôde ver sua mochila velha jogada no chão. Por um momento, desejou ter esquecido uma garrafa de água ali, pois sua boca estava seca e seus pulmões ainda queimavam.

— Você está bem? — Theo se aproximou dela, a mão gelada tocando em seu braço. Num reflexo, ela se afastou.

— Eu que te pergunto, eles te machucaram? — Verificou superficialmente a lataria do robô. Mas ele não se moveu, estava olhando para seu joelho ralado.

— Você não está bem — a voz metálica nunca soou tão baixa, tão preocupada.

Sem notar, Sombra abriu um sorriso.

Em seguida, escapou dele e foi até o buraco no chão, atrás do container, onde tinha escondido o cilindro. Soltou um suspiro aliviado quando viu que o objeto ainda estava ali. O agarrou firme contra o peito.

— O que você roubou estava aí o tempo todo?

— Peguei de volta — corrigiu e se levantou. O robô estava próximo tentando espiar o que ela trazia. — O que é isso? Quer me roubar? — Devolveu aquilo que ele havia dito para ela semanas antes.

— Talvez eu queira — respondeu, sério. — Posso ver? — Havia um certo tom de expectativa na voz de Theo, na maneira ansiosa como ergueu as duas mãos. Sombra estranhou. O que um robô poderia querer com um cilindro velho?

Ela afrouxou o aperto e deixou as mãos escorregarem suavemente, mostrando o objeto.

Theo paralisou, em choque. Será que tinha dado pane?

— Ei, Theo? — Sombra arregalou os olhos. — Theo?

Ele levou as mãos ao rosto e Sombra sentiu o coração acelerar. Será que os meninos o quebraram? Será que estragaram algum circuito? Será que…

Lentamente, o robô pegou o cilindro com o maior cuidado do mundo.

— Você sabe o que tem aqui dentro? — perguntou, numa voz baixa.

— Nunca consegui abrir, ninguém consegue.

Então Theo fechou os olhos. Era a primeira vez que Sombra o tinha visto fazer aquilo. A gota de um líquido azul neon escorregou por seu rosto.

Era isso. Ele tinha estragado de vez.

— Theo? — chamou. — T430?

O robô a encarou. Os olhos brilhavam como nunca antes. Talvez aquele líquido neon fosse algum tipo de óleo. Talvez ele realmente estivesse dando pane.

— Cê tá legal?

Ele saiu caminhando devagar, mais que o normal, parecia quebrado.

— Eu não fracassei.

— O quê? — Sombra foi atrás dele e esperou que o robô abrisse as portas do container. Era a primeira vez que entrava ali durante o dia. Ocupando boa parte do espaço, uma enorme confusão de equipamentos, fios e antenas. — Mas o que é isso?

— É a minha missão.

— O quê…?

Ele parou de tentar encontrar um pouco de ordem naquele caos e a encarou.

— Eu fui religado e reprogramado para uma missão, Sombra — explicou com calma. — Minha única função era encontrar outros sobreviventes.

— Outros? — Ela se empertigou. — Então há outros humanos?

— Havia. Não posso te garantir que eles conseguiram sobreviver. Era um grupo pequeno, mas com alguns recursos tecnológicos limitados. — Voltou a mexer nos equipamentos. — Não sei muito sobre a sociedade, as informações que possuo são referentes à minha missão: viajar a região em busca de outros sobreviventes e, caso encontrasse, comunicar a eles. — Olhou de relance para Sombra que o observava chocada. Então existiam outros? — E estava dando tudo certo até eu chegar aqui. Encontrei pessoas, montei o transmissor, mas os humanos invadiram o galpão e levaram peças importantes. Incluindo meu último cilindro de sidrântio.

Sombra tinha milhões de perguntas presas na garganta.

*Outros?*

— Você está me dizendo que podem existir outros humanos lá fora? — Ergueu o braço, apontando para a parede direita do container.

— Sim. É a minha esperança.

Esperança…

— Esse cilindro de… — Esqueceu a palavra.

— Sidrântio. É uma espécie de bateria. A única compatível com meu transmissor.

— Esse trem aí era da minha avó.

O robô parou o que estava fazendo.

— Calculei milhões de possibilidades e em apenas 0,036% delas, o cilindro retornava para o galpão em algum momento. Eu não acredito em coincidência ou destino, Sombra. Tentei por muito tempo encontrar as peças que tinham sido roubadas, mas não conseguia procurar por elas e cuidar das outras que eu mantinha aqui. — Deu um tapinha em uma das antenas. — Pouco tempo depois do roubo, uma humana, da sua idade mais ou menos, me ofereceu ajuda, mas nunca conseguiu encontrar o sidrântio pra mim.

Sombra o olhava de um jeito confuso, porém repleto de expectativa. Aquele objeto era tudo o que tinha de sua família, era tudo o que sabia sobre si mesma: que sua mãe procurara por ele a vida inteira, que ela dizia que aquele cilindro era esperança, que ele traria as aeronaves.

— Minha mãe sempre me disse para não ter medo de fantasmas. — A lembrança veio de repente.

Os dois ficaram se encarando, tentando montar silenciosamente o quebra-cabeças. Talvez a garota que Theo conhecera fosse, sim, a avó de Sombra e que ela tivesse passado o legado de encontrá-lo para a filha. Ou talvez a mãe de Sombra apenas tivesse ouvido histórias sobre um objeto capaz de trazer as naves de resgate e dedicado a vida a procurá-lo. Eles nunca saberiam. Porém, de alguma forma, tinha dado certo.

— E agora? — Sombra levou as mãos à altura do estômago, na tentativa boba de conter a ansiedade.

— Agora você me ajuda!

# Epílogo

T430 nunca entendeu o que era aquele sentimento que fazia seu sistema esquentar, bem na altura da bateria. Sempre pensou que era um defeito de fábrica. E talvez fosse. Mas ali, vendo os olhos de Sombra brilharem ao olhar para a grande aeronave no céu, agradeceu aos seus criadores por terem cometido aquele erro.

As outras crianças estavam chocadas. Ela não. Enquanto segurava firme a mão de sua amiga Isabel, Sombra olhava para o alto como se estivesse esperando por aquele momento a vida inteira.

Aquilo sim ele entendia bem. Durante as últimas décadas, viveu todos os dias na esperança de que pudesse cumprir sua missão, de que pudesse levar aqueles humanos para um lugar seguro ou, no mínimo, um pouco melhor do que viver na poeira daquelas ruínas. Por isso se levantava de seu banquinho todos os dias. Por isso tentava ao máximo prolongar sua existência naquele galpão.

Talvez porque não tivesse sido programado para desistir.

Ou talvez porque tinha esperança, a mesma que mantinha os humanos sãos no meio de todo aquele nada. Que os fazia levantar e andar todos os dias. Talvez T340 também tivesse esperança quando sentava em seu banquinho e esperava pelo fim, por um acaso ou por uma sombra.

Desejou poder sorrir, como ela sorria agora. Mas não era programado para emular aquela expressão humana.

— Eu sempre acreditei! — Sombra disse, encantada, vendo a nave fazer seu pouso barulhento, levantando poeira por metros e mais metros de altura. — Mesmo quando eu esquecia, ainda acreditava que dias melhores viriam. — Olhou para o robô.

O calor no peito, o defeito de fabricação.

— Eu também, Sombra. Eu também!